



MÍDIAS FOTOGRAFIA E INTERNET NO ESTUDO DO PROCLÍTICO *SE* MEDIA PHOTOGRAPHY AND INTERNET FOR THE STUDY OF IF PROCLITIC

Maria do Socorro de Freitas Lustosa¹

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre a partícula *se* como “indeterminador” ou como “apassivador” em placas urbanas de Pimenta Bueno, integrando as mídias fotografia e computador/internet. Com isso, pretende-se demonstrar a utilização da integração de mídias como recurso didático facilitador de aprendizagem nas aulas de gramática. Para isso, faz-se uma abordagem sobre as mídias na educação; em seguida, apresenta-se a metodologia de como foi realizada a pesquisa e, para apresentação das análises, foi escrito um tópico relacionando abordagens gramaticais e linguísticas com ilustrações das amostragens colhidas.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias. Indeterminação do Sujeito. Fotografia. Partícula *se*.

ABSTRACT: This paper presents a study of the if particle as "undeterminer" or "apassivador" at Pimenta Bueno's urban boards, integrating photography media and computer/internet. With this, we intend to demonstrate the use of the integration of media as a teaching resource facilitator of learning in grammar lessons. For this, it's necessary an approach to media education; then presents the methodology of how the survey was conducted, and for presentation of the analysis, a topic was written relating grammatical and linguistic approaches with illustrations of samples collected.

KEYWORDS: Media. Indeterminacy of the subject. Photography. Particle *se*.

1 INTRODUÇÃO

No Português do Brasil², a problemática da “indeterminação” do sujeito em orações com flexão verbal acompanhada do pronome *se* tem sido abordada tanto por gramáticos como por linguistas, a exemplo de Nunes (1991), Rollemberg *et all* (1991), Monteiro (1994) e Bagno (2000). A problemática diz respeito à classificação que se dá à partícula *se* e com a classificação do sujeito como indeterminado ou não. Assim, em enunciados como

- (1) Vendem-se casas. / (1a) Vende-se casas.
- (2) Conserta-se sofá.
- (3) Precisa-se de funcionários.
- (4) Vive-se bem nesta casa.
- (5) Está-se feliz aqui.

As gramáticas normativas se posicionam de forma bastante categórica: quando acompanhado de verbo transitivo direto, sendo, nesse caso, sujeito definido simples e que deverá

¹ Formada em Licenciatura Plena em Letras. Mestrado em Linguística pela UNIR (Universidade Federal de Rondônia). Funcionária Pública do Estado de Rondônia – Coordenadoria Regional de Educação em Pimenta Bueno, atuando como formadora nos cursos de Formação Continuada. E-mail: lustosagadea@gmail.com.

² Daqui para frente, PB para Português do Brasil.



concordar com o verbo que se encontra na voz passiva sintética ou pronominal, o *se* é classificado como partícula apassivadora; se, acompanhado de verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, (que deverão estar empregados na terceira pessoa do singular), o *se* deve ser classificado como índice de indeterminação do sujeito. O problema é que surgem construções como (1a), as quais não se encaixam nesse tipo de análise. Nesse caso, a gramática normativa considera o enunciado como agramatical, embora apareçam com grande frequência nas variedades tidas como cultas do PB, sem contar que chegam a ser construções muito usuais nas normas populares, conforme mostram as pesquisas de Nunes (1991), e Monteiro (1994), como ainda algumas observações de Said Ali, em 1919 e 1964.

Diante da situação apresentada em torno do emprego do proclítico *se*, este artigo tratará da utilização de recursos midiáticos como a fotografia e o computador/internet na análise de placas urbanas de Pimenta Bueno, considerando-se as mídias citadas como recursos didáticos importantes para envolver o aluno no estudo de aspectos gramaticais considerados complexos até mesmo por especialistas da área.

2 A EDUCAÇÃO NA NOVA SOCIEDADE

A educação em todos os níveis - desde o ensino fundamental até o curso de pós-graduação - não tem sido alheia aos movimentos de mudanças, ao desenvolvimento científico-tecnológico nem aos movimentos sociais, políticos e econômicos em curso na nova sociedade.

Durante muitos anos, acreditou-se que a escola fosse um lugar protegido, neutro, distante das manifestações sociais transformadoras, por imaginá-la um lugar inócuo, como se fosse possível concebê-la sem a sua história, sem suas inter-relações com a cultura ou com a realidade, sem os conflitos que lhe são inerentes. Atualmente não entendemos que a escola seja considerada de forma apartada de sua comunidade e da realidade que a cerca, ela está imersa na cultura, na comunidade, na representação social e política, em contínua interação com o seu contexto.

As Escolas e Universidades, muitas vezes consideradas como um mundo isolado, são:

“[...] um dos principais agentes de difusão de inovações sociais porque gerações após gerações de jovens que por ali passam, ali conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habitam com elas.” (Castells, 1999. p.380).

Dentre os principais agentes que vêm provocando o repensar da educação brasileira e explicitam a necessidade de mudanças em seus espaços, tempos e modos de trabalho, desde a última década do século XX, desponta o acesso à rede mundial de computadores - a Internet, viabilizado pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que potencializou a incorporação



das tecnologias de informação e comunicação nas esferas culturais, administrativas, acadêmicas e científicas de suas atividades.

Perto de 15% das escolas públicas brasileiras possuem laboratórios de informática, um percentual bem maior dispõe de recursos de TV, vídeo, rádio e outras tecnologias. Não existe escola que não disponha de algum recurso tecnológico, dos mais convencionais até computadores e Internet. As influências dessas tecnologias se fazem presente no dia a dia das escolas mesmo que não estejam incorporadas ao ensino e à aprendizagem.

Os alunos trazem para as escolas questões que dizem respeito diretamente ao mundo interconectado por meio das mídias fazendo com que os professores se sintam desafiados. As tecnologias e as novas linguagens de comunicação que viabilizam invadem a sala de aula. A linguagem das mídias, repletas de imagens, movimentos e sons, atrai as gerações mais jovens. Criar espaços para o uso dessas novas formas de linguagem e o diálogo entre elas ajuda os alunos a trazerem a sua realidade cotidiana para a sala de aula e a se expressarem conforme o seu mundo. Ao mesmo tempo, a discussão sobre as influências das mídias na sociedade ajuda a desenvolver o olhar crítico do aluno sobre o complexo jogo de poder e marketing que sutilmente permeia os meios de comunicação.

Hoje dispomos de poderosíssimos instrumentos materiais e intelectuais para captar informações de uma vastíssima porção da realidade, processar essa informação e compartilhar o resultado desse processamento praticamente com toda a humanidade. Hoje cada indivíduo pode compartilhar conhecimentos e compatibilizar comportamentos com um número surpreendente de outros indivíduos espalhados pelo planeta. (DAMBRÓSIO, 2000, Salto para o Futuro, Série Tecnologia e Currículo).

A aplicabilidade das TIC beneficia a escola e se caracteriza como um investimento indispensável para este tempo hodierno e, por sua vez, possibilita a construção de projetos educativos para desenvolver a autonomia dos discentes enquanto sujeitos de sua própria aprendizagem, como também favorecerá a interação entre alunos e professores na operacionalização de estudos mais dinâmicos e participativos, utilizando-se da escrita, da oralidade, do som, da imagem entre outros substratos midiáticos que muito podem acrescentar ao trabalho do professor em benefício do aluno.

3 METODOLOGIA DO TRABALHO DE PESQUISA

Este artigo é fruto de um projeto desenvolvido com o 3º período de Letras da FAP (Faculdade de Pimenta Bueno), cuja turma conta com um total de 17 (dezessete) alunos. Integrando as mídias fotografia e computador/internet foi realizado um trabalho de observação nos escritos públicos na área urbana de Pimenta Bueno, especificamente em relação ao emprego



do proclítico *se*. Nos bairros mais afastados do centro, onde o nível de escolaridade ainda é muito baixo, foram verificados muitos desvios, incluindo o problema de segmentação de palavras e frases, até ortografia simples e grafia espelhada. Mas, este artigo abordará apenas o emprego do *se* enquanto indeterminador ou apassivador.

Para a realização do trabalho de observação, a turma foi dividida em grupos. Para esta divisão, levou-se em consideração o lugar onde reside cada acadêmico, como forma de facilitar a identificação das placas, porque conhecem melhor o lugar, como também para facilitar o trabalho de cada aluno, uma vez que a maioria desses acadêmicos trabalha durante o dia e estuda à noite. Cada grupo deveria fotografar placas urbanas que apresentassem o emprego do proclítico *se*. Em seguida, o grupo deveria salvar as fotos no Word e, abaixo de cada foto, apresentar uma análise do emprego do *se* como *indeterminador* ou *apassivador*. Essas análises deveriam ser realizadas consultando-se manuais e compêndios da gramática normativa. Realizada essa etapa, cada grupo faria uma apresentação em sala com o objetivo específico de demonstrar conhecimento das regras da gramática normativa no que se refere ao emprego do *se*.

Cabia à professora pesquisadora estabelecer as relações com os conteúdos programáticos da disciplina (um deles o estudo da classificação do sujeito, que envolve o emprego do *se*) e realizar as observações e correções finais, de acordo com as regras da gramática normativa. Lembrando que o principal objetivo da disciplina é a aquisição da gramática oficial da Língua Portuguesa, ou seja, a gramática normativa, e, independente das divergências entre lingüistas e gramáticos, entende-se que, ao acadêmico do curso de Letras cabe conhecer o que apregoa uma e outra.

Importante lembrar que a língua é um bem público e está a serviço do povo, o que quer dizer que cada povo a utiliza dentro das suas competências sociocomunicativas. A língua, como uma das dicotomias de Saussure (2006), no par língua/fala, permite que cada falante a utilize com suas habilidades pessoais, embora essa categorização linguística seja voltada especificamente à variedade oral; no entanto, entende-se que, aquele que não frequentou a escola detém apenas a face individual/oral da língua, visando apenas à função de comunicação – o que lhe é legítimo. Já para aquele que conseguiu ascensão linguística, e, possivelmente ascensão social, essa justificativa já não lhe cabe, afinal, ir à escola é “aprender” a variedade escrita da língua, aquela que segue normas e convenções estabelecidas pela elite intelectual e de poder de um povo.

O resultado dessa pesquisa será apresentado de forma dialética, já que o método dialético procura explicar e não somente descrever. A observação e análise dos modos de existência e sobre os processos mentais e culturais não devem ser reduzidos a um único princípio explicativo,



por isso, os fatos da realidade pesquisada neste trabalho não serão considerados de forma isolada, mas dentro de práticas sociais que sustentam o ser no seu mundo, como sendo práticas políticas, sociais, culturais etc. Prevalecendo assim a análise qualitativa em função de procedimentos quantitativos.

As observações tecidas sobre o trabalho de pesquisa serão inseridas aos fundamentos teóricos à medida que estes forem sendo apresentados. E cada foto/placa será acompanhada das análises gramaticais realizadas pelos alunos e revisada pela professora-orientadora.

4 Fundamentos Teóricos e a Relação com as Placas Fotografadas

4.1 Como se Posicionam os Gramáticos em Relação ao Emprego do *Se*

O pronome *se* pode ser empregado, segundo Cunha e Cintra (1965: 297-8), como a) objeto direto, b) objeto indireto, c) sujeito de infinitivo, d) partícula expletiva, e) parte integrante do verbo, f) pronome apassivador e g) símbolo de indeterminação do sujeito. E, para ilustrar f) e g), os autores utilizam, na ordem, os exemplos:

- (6) Ouve-se ainda o toque de rebate.
- (7) Fez-se novo silêncio.
- (8) Vive-se ao ar livre, come-se ao ar livre, dorme-se ao ar livre.
- (9) Martelava-se, serrava-se, acepilhava-se.

Apresentam, também, a observação:

Em frases como:

Vendem-**se** casas.

Compram-**se** móveis.

consideram-se casas e móveis os sujeitos das flexões verbais *vendem* e *compram*, motivo pelo qual, numa linguagem criteriosa, evita-se deixar o verbo no singular.

Outros gramáticos, quando se referem à questão da “indeterminação” do sujeito, adotam a mesma posição de Cunha e Cintra. Os referidos autores afirmam que a voz passiva pode ser expressa com “o pronome apassivador *se* e um verbo na terceira pessoa, do singular ou do plural, concordando com o sujeito.” E apresentam os seguintes exemplos:

- (10) Não **se vê** [= é vista] **uma rosa** neste jardim.
- (11) Não **se vêem** [= são vistas] **rosas** neste jardim.

Bechara (2000), mesmo não apresentando um capítulo especial sobre a classificação da partícula *se* ou do sujeito, tece alguns comentários sobre a questão do *se*, que, normalmente não são apresentados em compêndios de gramática normativa, mesmo assim, tais comentários não se



distanciam do posicionamento dos demais estudiosos da gramática. Quando discute o problema da concordância verbal, no item A concordância com verbo na passiva pronominal, o autor se manifesta da seguinte forma:

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:
Alugam-se casas.
Vendem-se apartamentos.
Fazem-se chaves.
(p. 433)

Em geral, os gramáticos analisam o *se* como *pronome apassivador*, quando acompanhado de verbo transitivo direto; ou como *índice de indeterminação do sujeito*, quando acompanhado de verbos de outras predicções.

Das placas fotografadas com o emprego do *se* não foi encontrada nenhuma que fizesse a concordância do verbo de acordo com a língua padrão quando o sujeito encontra-se no plural. Foram encontradas placas como a ilustração abaixo:



Fotografia 1 – Pintura de fachada comercial com uso do proclítico *Se* – sujeito no plural. Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.

4.2 Como se Posicionam os Linguistas em relação ao Emprego do *Se*

Noutra direção, seguem argumentações de linguistas dos mais variados segmentos teóricos. Essas argumentações caracterizam-se, em geral, por defenderem a idéia de que, mesmo em enunciados como (1a) e (2), o falante natural os interpreta como ativos, muito comumente encontrados nesta pesquisa, como:

Ilustração de enunciados como (1a)



Fotografia 2 – Placa com uso do proclítico *Se* – sujeito ativo.
Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.

Ilustrações de enunciados como em (2)



Fotografia 3 – Placa com uso do proclítico *Se* – sujeito ativo 2a.
Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.



Fotografia 4 – Placa com uso do proclítico *Se* – sujeito ativo 2b.
Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.

E enunciados como (1) ocorrem de forma restrita em contextos bastante cautelosos, principalmente em situação de escrita com influência de escolarização. Pode-se até afirmar que esse tipo de enunciado já não é tão comum na gramática de falantes com menos tempo de



escolaridade, como também de parte significativa dos falantes das normas cultas do PB. Na pesquisa ora apresentada, não foi encontrada nenhuma realização desse tipo.

Jairo Nunes, percorrendo a linha de pesquisa proposta por Tarallo e Kato (1989), faz uma investigação do percurso diacrônico do *se* apassivador no português brasileiro, num trabalho com o título *se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro*. Neste trabalho, Nunes constata que “o *se passivo* precede o *se indeterminador*, que é relativamente recente”. Nunes também observa que “pelo menos em relação às construções com verbos transitivos, o português europeu falado praticamente se mantém estável em relação à variação provocada pelo surgimento do *se indeterminador*”, dessa forma, há no português europeu (PE), uma preferência pelo emprego do *se apassivador*, enquanto o PB se diferencia pelo emprego contrário, o *se indeterminador*.

A pesquisa de Nunes aponta para um novo quadro de variação em que as construções com *se indeterminador* estão dividindo espaço com o evento da supressão do *se*, alcançando um nível de 78% nos três níveis de escolaridade e, apesar dos 50% de ocorrência em falantes de nível superior, o fenômeno está se generalizando.

Nesse sentido, da supressão do *se*, foram encontradas realizações como:



Fotografia 5 – Placa com uso do proclítico *Se* – supressão do *se*, verbo 3ª pessoa.
Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.

Ou mesmo a supressão do *se* com a troca do verbo por outro, mais ou menos correspondente, por se encontrar no mesmo campo semântico, como:



Fotografia 6 – Placa com uso do proclítico *Se* – supressão do *se*, verbo 1ª pessoa.

Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.

E ainda a supressão do *se* pela flexão verbal em 1ª pessoa (singular ou plural):



Fotografia 7 – Placa com uso do proclítico *Se* – mistura pessoas verbais.

Fonte: Foto tirada por alunos do Curso de Letras.

Trabalho importante também é o de Monteiro (1994), que, na seção de título *A questão do se*, faz uma análise de outras pesquisas e apresenta um posicionamento claro sobre o tema. Corroborando a posição de Naro (1976), Maurer Jr (1951b), Jairo Nunes (1991) e Aguiar (1971), afirma Monteiro que o *se* tem emprego básico de reflexivo e que, depois, passou a referir-se a sujeitos não animados como também a verbos intransitivos. O autor afirma ainda que o *se indeterminador* originou-se do *se apassivador*, em consequência do processo de reanálise sintática, ou seja, o sujeito paciente passou a ser classificado como objeto direto e o *se* passou a ter valor indeterminado.

Macambira (1985), diz que o *se indeterminador* deve ter precedido o *se apassivador*, porém, Monteiro refuta esta hipótese argumentando que tal fenômeno remonta-se ao latim e se conserva apenas na fala culta atual em função da escola, quando muito. O autor também cita Said Ali (1960), que mostrou incoerências na análise tradicional do *se* como apassivador em enunciados



como “aluga-se esta casa”, “compra-se o palácio”, “morre-se de fome” etc, onde o *se* sugere, na consciência de qualquer falante, a idéia de alguém que aluga, que compra ou que morre.

5 Resultados e Considerações Finais

As análises apresentada neste estudo, tiveram como objetivo principal fazer uma revisão sobre como o problema da “indeterminação” do sujeito, em contextos com verbos acompanhados do clítico *se*, tem sido abordado pela gramática tradicional e estudado pela lingüística moderna, utilizando as mídias fotografia e computador/internet como recursos tecnológicos importantes na interação entre alunos/alunos, aluno/professor e aluno/conteúdo.

No entanto, este estudo traz duas reflexões importantes:

1) A de que a norma culta não é melhor do que os outros dialetos: estes, tanto quanto a norma culta, cumprem perfeitamente sua função no ambiente em que são usados e com as pessoas desse ambiente. Aprender a norma culta é ter mais uma opção de uso da língua, importante em muitos momentos e ambientes. Quanto mais opções o sujeito tiver de uso da língua, mais ele vai poder atuar na sua comunidade e se desenvolver como cidadão. Ninguém deve ser discriminado por apresentar um comportamento lingüístico diferente do outro, até porque a norma culta é um dos dialetos definidos por critérios socioculturais. Assim como para todas as línguas, a norma culta é escolhida como norma-padrão, que é usada nos documentos, sobretudo os oficiais, em grande parte da literatura, dos escritos e falas da imprensa. Sua maior característica é a correção pautada na gramática normativa. Mas deve ser trabalhada na escola como o dialeto que o aluno deve ir aos poucos dominando, por ser o mais adequado a certas situações de comunicação.

2) A de que, nos dias atuais, tornou-se necessário criar espaços para a identificação e o diálogo entre várias formas de linguagem, permitindo que as pessoas se expressem de diferentes maneiras. A linguagem por si só, já constitui um instrumento de interação entre o pensamento humano e o seu meio. Essa comunicação pode ocorrer de modo direto ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos (tecnologias). Considerando-se que o indivíduo se desenvolve e interage com o mundo utilizando suas múltiplas capacidades de expressão por meio de variadas linguagens constituídas de signos orais, textuais, gráficos, imagéticos, sonoros, entre outros, as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo.



Pois o advento das TIC revolucionou nossa relação com a informação. Se antes a questão-chave era como ter acesso às informações, hoje elas estão por toda parte, sendo transmitidas pelos diversos meios de comunicação. A informação e o conhecimento não se encontram mais fechados no âmbito da escola, mas foram democratizados. O novo desafio que se abre na educação, frente a esse novo contexto, é como orientar o aluno a saber o que fazer com essa informação, de forma a internalizá-la na forma de conhecimento e, principalmente, como fazer para que ele saiba aplicar este conhecimento de forma independente e responsável.

Todavia, o maior desafio neste trabalho foi exatamente levar os alunos a entenderem o que fazer com as informações captadas por meio das mídias utilizadas e como isso poderia facilitar a aprendizagem dos conteúdos gramaticais, a ponto de alguns alunos questionarem a qualidade da aula e do trabalho de pesquisa. O que nos levou, alunos e professora/pesquisadora a (re)construir a idéia de que educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas nos obriga a reaprender a ensinar e a aprender, a construir modelos diferentes dos que conhecemos até agora. Ensinar e aprender hoje não se reduz a estar um tempo numa sala de aula. Implica em modificar o que fazemos dentro da sala de aula e organizar ações de pesquisa e de comunicação que permitam a professores e alunos continuar aprendendo com as mídias.

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para a educação. Sem dúvida as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, o espaço e o tempo, a comunicação audiovisual e a estabelecer pontes entre os conteúdos de sala de aula e as tecnologias.

Enfim, compreender as diferentes formas de representação e comunicação propiciadas pelas tecnologias disponíveis na escola e fora dela, bem como criar dinâmicas que permitissem estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem das mídias, foram desafios para a concretização deste trabalho cujas conseqüências compensaram pela aprendizagem adquirida, uma vez que os alunos entenderam a concepção do estudo da gramática normativa para um estudante de Letras.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Martinz de. **Notas e estudos de português**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1971.
- ALI, Manuel Said. (1960). **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de (2002). **Educação, projeto, tecnologia e conhecimento**. São Paulo: PROEM.



_____. **Pedagogia de projetos e integração de mídia.** Disponível em: <http://midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com/2009/02/pedagogia-de-projetos-e-integracao-de.html>. Acesso em 12/06/2011.

BECHARA, Evanildo. (2000). **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A ERA DA INFORMAÇÃO: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA V.1.** São Paulo. Editora Paz e Terra. 2003.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. (1985). **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DAMBRÓSIO. (2000). *Salto para o Futuro*, Série Tecnologia e Currículo.

HAUY, Amini Boainain. (1987). **Da necessidade de uma gramática padrão da língua portuguesa.** São Paulo: Ática.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico.** 8ª ed. São Paulo: Pioneiras, 1985.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **A Unidade da România Ocidental.** São Paulo: Acadêmica, 1951.

MONTEIRO, José Lemos. (1994). **A questão do se.** In: id. **Pronomes Pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil.** Fortaleza, EUFC.

MORAN, José Manuel. (1993). **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo. Pancast Editora.

NARO, Anthony J. The *Genesis of the reflexive impersonal in Portuguese, a study in syntactic change as a surface phenomenon.* *Language* v.52, n. 4, 1976. p. 779-810.

NUNES, Jairo. (1991). "Se apassivador e Se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro". *Cadernos de Estudos lingüísticos*; Campinas (20), p. 33-59.

PRADO, M. e SCHLUNZEN, K. (2004) **Integração de mídias digitais na educação.** PUC-SP.

ROLLEMBERG, Vera *et al.* (1991). **Os pronomes pessoais e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador.** In: *Estudos Lingüísticos e Literários*; Salvador (11): 53-74.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo, Cultrix, 2006

VALENTE, J.A. (2003). **O papel do computador no processo ensino-aprendizagem.** Boletim do Salto para o Futuro. Série Pedagogia de Projetos e integração de mídias. TV Escola, Brasília: Secretaria de Educação a Distância – SEED. Ministério da Educação <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>.